

---

## Apresentação

### Modernismos Luso-Brasileiros

#### Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2024.nEsp.a1318>

A compreensão crítica de como o espírito moderno se projetou em produções de intelectuais e de artistas brasileiros e portugueses foi objeto do curso de extensão “Modernismos luso-brasileiros”, promovido pelo PPLB, em 2022. Com foco na década de 1910 – época da publicação da revista *Orpheu*, marco do movimento modernista de Portugal e da realização, no Brasil, da Semana de Arte Moderna de São Paulo em 1922, período denominado “primeiro modernismo” –, as reflexões não deixaram de considerar os antecedentes e os períodos após estas manifestações emblemáticas, bem como o aprofundamento das relações entre brasileiros e portugueses, em especial a partir dos anos 40, no contexto da geração da revista *Presença*.

Esse curso acabou por inspirar o XI Colóquio do PPLB – Polo de Pesquisas Luso-brasileiras –, realizado de 11 a 14 de abril de 2023, cujo título-tema foi “Modernismos Luso-Brasileiros: História, Ciências e Cultura”, o qual permitiu reunir pesquisadores interessados nos diálogos criativos nas mais diversas esferas das artes e do pensamento em Portugal e no Brasil. Os modernismos de cá e de lá e o novo, em resposta às questões colocadas pelos seus territórios, foram

revistos e revelados. A discussão sobre o intercâmbio cultural luso-brasileiro e a circulação de ideias e das tensões invocou o diálogo entre essas diversas linguagens artísticas e propostas estéticas, além das relações entre agentes das artes plásticas, da literatura e das artes performáticas dos dois países.

Este número especial da *Convergência Lusíada* reúne, assim, artigos que, em sua maioria, são referentes aos trabalhos apresentados por professores e pesquisadores nesse Colóquio que marcou o retorno às atividades presenciais pós-pandemia de Covid-19 e, como sempre, reforçando os laços acadêmicos e culturais luso-brasileiros com pesquisadores do Brasil e do exterior. Acompanhamos, dessa forma, uma sequência de efemérides dos últimos anos, que não se esgota com a da Semana de 1922, mas que deve estender-se, ao menos, até os 100 anos de *Presença*, em 2027.

O Colóquio foi um retorno à casa, pois, de fato, o Real Gabinete Português de Leitura é a casa da cultura portuguesa no Rio de Janeiro, onde nós, professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras de Literatura Portuguesa e de outras disciplinas e projetos luso-brasileiros, independentemente da universidade de origem, reunimo-nos, aproveitando o rico acervo desta instituição quase bicentenária, hoje também um ponto turístico concorridíssimo. Estamos aqui, dando vida às páginas que não foram escritas para ficarem presas nas estantes. Sem dúvida, o Portugal contemporâneo deve reconhecer o empenho dos imigrantes que construíram e fizeram crescer e permanecer esta Instituição, e dos brasileiros e luso-descendentes que hoje trabalham e pesquisam sob sua abóbada, divulgando a cultura portuguesa, inclusive por meio desta revista.

Na formulação temática do XI Colóquio, consideramos que, a cada momento e em diferentes áreas, houve contributos para transformações, inovações e criações fundamentais nos espaços luso-brasileiros, e, por isso, a ideia de modernidade foi estendida a diferentes

épocas e a diferentes gestos que colaboraram para chegarmos até à contemporaneidade.

Os trabalhos ora reunidos demonstram esses gestos modernos e suas contribuições. Assim, abrimos o número com o artigo “Do conto como cânone da poesia: Eça, Machado e as aporias da modernidade”. Por meio do estudo comparativo dos contos “Civilização” e “Missa do galo”, Isabel Cristina Rodrigues comprova que, a seu modo, Eça de Queirós e Machado de Assis, sob a retórica oitocentista, foram profundamente modernos.

Em “O trem e a nação. Os sertões e a modernidade na *Belle Époque*”, Carmen Negreiros demonstra que, no final do século XIX e início do século XX, escritores e escritoras se envolveram num projeto de redescoberta do Brasil facilitado pelas viagens, principalmente, de trem. Também, a luta pela emancipação feminina encontrou nesse tempo condições para se fortalecer. Isso é o que discute Giovanna Dealtry, em seu artigo intitulado “Modernas, sim. Feministas, não – breves considerações sobre a emancipação das mulheres em João do Rio e Júlia Lopes de Almeida”, no qual analisa como os dois escritores apoiaram a emancipação feminina em termos alinhados com os ideais da modernidade, ao mesmo tempo em que teciam críticas a certos aspectos das práticas feministas. Sobre, nossa contemporaneidade, o artigo de Leonardo Davino e Maria Verônica da Silva, “Moderna matriarca: Dona Ivone Lara” – atravessado pela discussão da interseccionalidade e considerando o samba como elemento essencial para pensar o Brasil nacional e internacionalmente –, busca delinear uma breve contextualização quanto ao surgimento do samba e à sua indissociabilidade da voz feminina negra, aqui representada pela figura de Dona Ivone Lara.

Quando se pensa em modernismo português, é inevitável referir *Orpheu* e a geração de escritores que criaram essa revista ou que, de alguma forma, acompanharam o que desde daí ocorreu. Também não se pode deixar de pensar em Fernando Pessoa e seu impacto a

partir dos anos 40, quando sua obra, até então parcialmente e pouco conhecida, começou a ser editada. Seja no lado português, seja no lado brasileiro, os estudos pessoais foram crescendo e provocando novos olhares sobre a modernidade literária nos dois espaços. No artigo “‘O esforço é grande e o homem é pequeno’: Cleonice Berardinelli e a gênese dos estudos pessoais no Brasil”, Rodrigo Xavier analisa como um dos maiores nomes dos estudos da cultura e da literatura portuguesa, no Brasil, notabilizou-se pelo pioneirismo na investigação do espólio de Fernando Pessoa e pela inauguração do estudo sistemático da obra do poeta entre nós. No artigo de Izabel Margato, “O moderno e suas configurações em poemas de Charles Baudelaire, Cesário Verde e Fernando Pessoa”, apresentam-se as articulações existentes entre as categorias: novo, ruptura, tradição da ruptura, vanguarda e originalidade, com o exame das tensões entre o estético e o ideológico; o cosmopolitismo e o nacionalismo nos modernismos em Portugal.

Rafael Santana, em “O retrato da esfinge”, busca aprofundar a análise das interações ecfrásticas presentes na obra de Mário de Sá-Carneiro, destacando as complexas relações com distintas formas artísticas, tais como a pintura, a música, a dança, a escultura e a arquitetura. Por outra perspectiva, no artigo “Pessoa xamã”, André Gardel aproxima, comparativamente, “os processos de acoplagens de alteridades do xamã amazônico, baseado em alianças político-espirituais, da heterológica de Pessoa”.

Ainda em torno de Pessoa, Lucas Laurentino, em “Jorge de Sena e Fernando Pessoa: para uma crítica modernista”, analisa o ensaio de Jorge de Sena – “O poeta é um fingidor” – e, a partir dele, investiga o processo de composição crítica do autor, assim como as suas relações com a obra de Fernando Pessoa e os modernismos de *Orpheu* e *Presença*. Do lado brasileiro, no artigo “Murilo Mendes (re)lê Fernando Pessoa”, Aline Leão do Nascimento apresenta as leituras que o poeta brasileiro fez sobre Fernando Pessoa desde a publicação em jornal,

em 1944, de seu artigo “Fernando Pessoa”, até a prosa “Fernando Pessoa”, de seu livro *Janelas Verdes*, escrito em meados da década de 60.

Este número especial encerra com “‘Hoje somos festa, amanhã seremos luto’ – uma leitura da favela em Drummond e Mc Smith”, assinado por Artur Vinícius Amaro dos Santos, o qual aproxima a 12ª estância do poema “Favelário Nacional”, de Carlos Drummond de Andrade, presente no livro *Corpo* (1984), e a música “Vida Bandida Parte 1”, de MC Smith e composição de Thiago dos Santos (Praga), que, mesmo sendo distantes temporalmente e escritas de duas perspectivas sociais distintas, abordam como o capitalismo, a violência e o racismo constroem novas formas de morte e luto no indivíduo.

Desejamos aos nossos leitores uma prazerosa incursão pelos modernismos apresentados neste número com a comprovação de que sempre todos os limites podem ser alargados, vencidos e (re)escritos pelas artes em geral e pela literatura em particular.

Andreia Castro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Eduardo da Cruz

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Suely Campos Franco

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)